



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS



ANA BEATRIZ FERREIRA RIBEIRO DE SOUZA

**O TRANSBORDAR DO ESPETÁCULO, DA CENA TEATRAL À SALA DE AULA**  
**Processo estético-pedagógico de mediação teatral da peça “Contos de Carochinha -**  
**Tião da Tina” do grupo Mambembe Teatro de Rua na Escola Municipal Professora**  
**Haydée Antunes**

OURO PRETO –MG

2025

**Ana Beatriz Ferreira Ribeiro de Souza**

**O transbordar do espetáculo, da cena teatral à sala de aula**

**Processo estético-pedagógico de mediação teatral da peça “Contos de Carochinha - Tião da Tina” do grupo Mambembe Teatro de Rua na Escola Municipal Professora Haydée Antunes (Ouro Preto - MG)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Artes Cênicas

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Rocco Gasperi

OURO PRETO – MG

2025



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Ana Beatriz Ferreira Ribeiro de Souza**

**O Transbordar do Espetáculo: Da cena teatral à sala de aula. Processo estético-pedagógico de mediação teatral da peça “Contos de Carochinha - Tião da Tina” do grupo Mambembe Teatro de Rua na Escola Municipal Professora Haydée Antunes (Ouro Preto - MG)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas

Aprovada em 03 de setembro de 2025

### Membros da banca

Doutor - Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto  
Doutor - Clóvis Domingos Santos- Membro externo - Universidade Federal de São João del Rei  
Doutora - Neide das Graças de Souza Bortolini -Membra interna - Universidade Federal de Ouro Preto

[  
Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 06 de setembro de 2025



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi, COORDENADOR(A) DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**, em 30/11/2025, às 19:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1024235** e o código CRC **DE1249AF**.

## RESUMO

O presente artigo busca analisar o processo estético-pedagógico do espetáculo “Contos de Carochinha - Tião da Tina”, realizado pela mediação teatral como uma prática de iniciação à formação de público que visa amenizar o desinteresse pelo teatro dentro de sala de aula. Ao realizar uma aproximação da linguagem teatral com os discentes por meio da criação de uma relação potencializada pelas atividades de mediação, este trabalho aborda as vivências que se iniciam dentro do Programa de Residência Pedagógica e sua continuidade no Estágio Regência, ambos na Escola Municipal Haydêe Antunes (EMPHA) em Cachoeira do Campo, (distrito de Ouro Preto-MG). Em tal espaço escolar, as atividades de mediação partiram do espetáculo “Contos de Carochinha - Tião da Tina”, do Grupo Mambembe Teatro de Rua, grupo projeto de extensão da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Para essa análise fez-se uma revisão bibliográfica acerca das obras de Flávio Desgranges, e outros pesquisadores(as) da área a fim de apresentar o conceito de mediação junto ao caminho traçado nas aulas de Artes bem como o trajeto relacional criado entre estudantes e a obra apresentada.

**Palavras chave:** Estágio, Mediação Teatral, Grupo Mambembe, Pedagogia do Espectador, Pertencimento

## **Quando tudo começa: entre as incertezas e a coragem**

O início de uma trajetória se faz caminho incerto e, em alguns momentos, “há ansiedade para começar, pois, começos são inapropriados para a alma, afinal não se preparam os começos”<sup>1</sup>. Ao chegar ao começo do fim da trajetória universitária, a participação no Programa de Residência Pedagógica (PRP), uma proposta no âmbito da política nacional de formação de professores estruturada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, se tornou o estopim para essa pesquisa.

O programa, como seu próprio nome diz, está associado ao termo 'residir', o qual remete à ideia de permanência prolongada em um determinado espaço. Nesse contexto, um dos seus objetivos centrais é proporcionar para os estudantes de licenciatura a oportunidade de vivenciar o cotidiano escolar, compreender a dinâmica institucional e aplicar, de forma prática, os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação universitária. Desse modo, essa política educacional busca fortalecer a formação prática de licenciandos, promovendo sua imersão nas escolas públicas durante a segunda metade dos cursos de licenciatura. Por meio da articulação entre Instituições de Ensino Superior (IES) e redes de ensino, o programa proporciona uma vivência orientada na realidade escolar, sob a supervisão de professores experientes (preceptores) e docentes universitários, promovendo a integração entre teoria e prática. Além disso, o PRP oferece bolsas para residentes, preceptores e coordenadores, incentivando a permanência e o engajamento dos estudantes na formação docente. Essa iniciativa visa qualificar o processo de ensino e aprendizagem, reduzir a evasão nos cursos de licenciatura e estreitar os laços entre universidade e escola, contribuindo para a melhoria da qualidade da educação básica no país.<sup>2</sup>

Com uma carga horária de 440 horas de práxis pedagógica, o programa promove uma experiência contínua que contribui para o aperfeiçoamento da prática docente. Lançado em março de 2018, descrito no Edital 6/2018 da CAPES (Brasil, 2018), selecionou Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, privadas - sem fins lucrativos ou com fins lucrativos que possuam cursos de Licenciatura, participantes do Programa Universidade para Todos (ProUni) - uma iniciativa do Ministério da Educação com o objetivo de ampliar o acesso à universidade. O ProUni e o Programa de Residência Pedagógica, embora distintos, articulam-se como políticas

---

<sup>1</sup>Parte da dramaturgia do Cortejo Cênico Musical, realizado pelo Grupo Mambembe Teatro de Rua, no Festival de Inverno Transborda UFOP 2024.

<sup>2</sup> Informações sobre o Programa de Residência Pedagógica foram retiradas do site oficial do Governo Federal. Acessado em 29/9/2025. Site: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programas-encerrados/programa-residencia-pedagogica>

públicas complementares ao promoverem o acesso ao ensino superior e o fortalecimento da formação prática de futuros professores, favorecendo assim a “implementação de projetos inovadores que estimulem articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, conduzidos em parceria com as redes públicas de educação básica.” (Edital CAPES, 06/2018).<sup>3</sup>

Além disso, o Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que fazem parte da Política Nacional de Formação de Professores, que foi instituída pelo decreto presidencial nº. 6.755/2009 para impulsionar programas de formação inicial e continuada. Ademais, as atribuições do participante do processo e futuro profissional docente são, entre outras atividades, “regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua Instituição Formadora” (Edital CAPES, 06/2018). Com o propósito de apresentar a realidade escolar para o futuro docente, a vivência nesse espaço mostra de perto as dificuldades e apresenta uma possibilidade de análise de metodologias, principalmente explorando as experiências e conhecimentos dos docentes da Instituição Formadora. Além disso, o Projeto de Residência Pedagógica proporciona às pessoas da formação em Licenciatura a iniciação à pesquisa docente, colaborando para a realização de muitos Trabalhos de Conclusão de Curso e artigos que são desenvolvidos a partir da experiência do projeto.

Além das ações artísticas e educacionais desenvolvidas em sala de aula, com o horário definido para a bolsista permanecer no ambiente escolar que foi estabelecido (escolas selecionadas pelo edital), o PRP também conta com reuniões com as coordenadoras e as preceptoras - docentes da IES - que proporcionam a estudantes um espaço de troca de experiências, reflexões, percepções, estimulando os discentes a desenvolverem a docência e a pesquisa em conjunto.

Tanto a imersão nas escolas, quanto as reuniões semanais de preceptorado e os documentos que o aluno produz ao longo do Programa (Diários de Campo, Plano de Ação Pedagógica e Relatório Final) articulam as experiências de formação e fazem com que o aluno percorra um processo de pesquisa e problematização importante para sua formação (POLADIAN, 2014, p. 83).

Desse modo, a prática, juntamente com as discussões nas reuniões semanais, trazem para o licenciando a possibilidade de problematização das experiências em sala de aula, proporcionando uma análise crítica e aprofundada da realidade escolar. Sendo assim, esse processo necessita da presença ativa do ver, ouvir e fazer, estar presente para realizar a investigação do ambiente e das pessoas, a fim de obter um conhecimento profundo e

---

<sup>3</sup>Edital CAPES 06/2015, acessado no dia 29/09/2025: <https://residenciapedagogica.ufba.br/sites/residenciapedagogica.ufba.br/files/edital-6-residencia-pedagogica-retificado.pdf>

contextualizado que traga frutos para esse grupo para que assim seja possível a criação de uma relação de proximidade entre licenciandos e escola. É a partir dessa relação estabelecida que a sensação de pertencimento é provocada, tanto em discentes que recebem residentes do projeto, quanto para os estudantes da universidade que se inserem no espaço escolar.

Por conseguinte, esse processo revela-se essencial para a formação de licenciandos, pois proporciona uma oportunidade de vivência prática e preparação profissional, contando ainda com o acompanhamento da preceptora e da coordenadora, que não apenas oferecem suporte e orientação, mas também atuam como ponto de partida para discussões e reflexões sobre a prática docente nos encontros com bolsistas. Assim, é durante essa troca de saberes que novas alternativas na realização das aulas são abordadas para se aprofundar na prática docente e estimular o pensamento crítico e autônomo, objetivando a construção de uma identidade profissional que possibilite a criação de metodologias próprias para enfrentar os obstáculos observados por residentes.

Na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), no Departamento de Artes Cênicas (DEART), o Subprojeto de Artes do Programa de Residência Pedagógica Universidade Federal de Ouro Preto, foi iniciado em 15 de janeiro de 2020, quando os professores dos departamentos de Artes Cênicas e Música foram convidados pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) para participar da equipe que iria implantar os programas de Residência Pedagógica e PIBID (Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência). Embora não fosse um programa interdisciplinar, ou seja, que dois cursos estejam no mesmo projeto, foi decidido que o subprojeto de Artes seria constituído por duas licenciaturas: Música e Artes Cênicas, com duas coordenadoras e vinte e quatro estudantes.

Apesar de ter sido organizado no início do ano de 2020, diante das indefinições das políticas orçamentárias do Ministério da Educação as ações do PRP somente iniciaram em outubro daquele ano, “marcado por um cenário de incertezas e inseguranças” (Paoliello; Valença, 2022, p. 14). O começo do projeto se deu no período de pandemia do COVID-19, quando as atividades da universidade e das escolas selecionadas estavam suspensas. Nesse primeiro momento do Programa de Residência Pedagógica dentro da UFOP, as atividades do projeto foram realizadas de forma remota durante dezoito meses, porém, os coordenadores daquela edição do projeto afirmam que: “mesmo em meio remoto, através de conexões precárias, podemos considerar que vínculos de trabalho, conhecimento e afeto foram estabelecidos” (Paoliello; Valença, 2022, p. 27). Por ser um projeto de longa duração, é inevitável o desenvolvimento de relações durante esse processo, o que mostra um potencial de troca para além do espaço de pesquisa em que existe a construção de conhecimento.

Após a pandemia de COVID-19, foi lançado o Edital nº 79/2022, que possibilitou minha participação no Programa Residência Pedagógica (PRP). Embora o programa tenha sido iniciado em outubro de 2022, minha atuação como residente ocorreu entre os meses de março e maio de 2023, durante os últimos três meses de vigência do projeto. Nesse período, tive a oportunidade de ministrar aulas para turmas de sextos e oitavos ano na Escola Municipal Professora Haydée Antunes (EMPHA)<sup>4</sup>, localizada em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto (MG). O trabalho foi desenvolvido em conjunto com a professora preceptora Maria Catarina Frizzo, cuja orientação foi essencial no contexto escolar, e com a coordenação da professora Neide das Graças de Souza Bortolini<sup>5</sup>, responsável pela supervisão do Subprojeto de Artes Cênicas. As atividades do programa incluíam as reuniões periódicas com todos os residentes — discentes selecionados(as) no edital referido do PRP, vinculados ao curso de Licenciatura em Artes Cênicas — bem como com as preceptoras das escolas (responsáveis por residentes em sala de aula) e com a coordenadora do subprojeto. Esta última atuava também como mediadora junto à equipe da UFOP e da CAPES, sendo responsável pela organização das reuniões, além da elaboração dos planos de ensino e dos relatórios semestrais, além da logística para o acesso às escolas, a intermediação com as coordenações escolares, entre tantas outras ações para a existência do PRP Artes Cênicas da UFOP em parceria com as três escolas públicas da região: Escola Municipal Haydée Antunes em Cachoeira do Campo, Escola Municipal Aleijadinho no Subdistrito de Santo Antônio do Salto e Escola Estadual Dom Pedro II em Ouro Preto.

Por ter ingressado já no final do programa, em substituição não tive a oportunidade de vivenciar um processo de imersão completo. Por essa razão, escolhi realizar dar continuidade e realiza o Estágio Regência Supervisionado III - Regência, componente curricular essencial no processo de ensino-aprendizagem e na formação acadêmica, obrigatório nos cursos de licenciatura, na mesma escola que participava com o Programa de Residência Pedagógica, no EMPHA em Cachoeira do Campo, Ouro Preto - MG. O intuito foi dar continuidade na minha atuação naquele espaço ao poder ter a experiência compartilhada de estar na EMPHA, entretanto, com um projeto que surge com influência das vivências da residência pedagógica,

---

<sup>4</sup>Daqui em diante irei usar a sigla da escola (EMPHA) para me referir ao espaço escolar. Aproveito para agradecer todas as pessoas que trabalham na Escola Municipal Haydée Antunes: diretora, coordenadora, funcionários administrativos, pedagógicos e de limpeza, aos professores e professoras e aos estudantes que tornaram essa experiência possível.

<sup>5</sup>Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestrado em Literatura Brasileira: literatura infantil. Doutorado em Artes na Universidade Federal de Minas Gerais. Áreas de pesquisa: interfaces nos campos da literatura, teatro, imagem e educação. Professor(a) Associado(a) na Universidade Federal de Ouro Preto no Instituto de Filosofia, Arte e Cultura, no Departamento de Artes Cênicas: Licenciatura. Integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas com o projeto de pesquisa Imagens no vazio, escrita e teatralidades. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/5698244212403554>

com seu prólogo importante, mas com um novo caminho traçado relativo à pesquisa desejada: a mediação teatral na escola.

Com a experiência anterior, foi possível observar o desinteresse e a resistência que permeiam a maior parte desses estudantes nas aulas de Artes. O desânimo com as atividades e a falta de engajamento e escuta foi um cenário constante nas aulas que ministrei no Programa de Residência Pedagógica. Nas aulas práticas, sair da cadeira já era um desafio e nas aulas teóricas a distração era visível entre os participantes. Ter vivido isso previamente me preparou para dar continuidade aos trabalhos, visto que o corpo, a disposição e o estado de presença são princípios importantes para a aula de Artes acontecer. Tendo isso em mente, decidi insistir em atividades que utilizassem a expressão corporal para estimular os discentes a se movimentarem, porém, trazendo uma peça teatral como estudo estético-educativo, aproximando esses estudantes do teatro a partir da ludicidade de uma narrativa.

Nessa experiência de constatação do desânimo estudantil, pude observar também que a presença é super importante para que seja desenvolvido um caminho pedagógico dentro de sala de aula. Assim, a partir dessa análise sobre o comportamento de discentes, percebi a necessidade de realizar dentro desse espaço de sentimento da presença, tendo como princípio o que Desgranges defende como a prática de formação de espectadores no seu livro *A Pedagogia do Espectador* (2015)

Uma pedagogia do espectador se justifica assim, pela necessária presença de um outro que exija diálogo, pela fundamental participação criativa desse jogador no evento teatral, participação que se efetiva na sua resposta às proposições cênicas, em sua capacidade de elaborar os signos trazidos à cena e formular um juízo próprio dos sentidos (Desgranges, 2015, p.27).

Posto isso, ao se trabalhar a mediação teatral no contexto educativo, o desenvolvimento de uma presença é favorecido e se sustenta na participação ativa de espectadores no jogo cênico instaurado pelas atividades propostas. Tal processo não se efetiva de forma unilateral, mas requer a colaboração de discentes, convocados a estabelecer relações significativas com a obra apresentada. Nesse sentido, a mediação não se limita à transmissão de conteúdos, mas configura-se como um espaço de provocação estética e de construção compartilhada de sentidos. Embora se trate de um processo em constante elaboração, ao permitir que estudantes se reconheçam como sujeitos implicados na cena, enquanto participante do acontecimento artístico, amplia-se a possibilidade de engajamento sensível e crítico, contribuindo para o fortalecimento de uma presença ativa e reflexiva no âmbito das práticas pedagógicas teatrais.

A palavra mediação vem do latim *mediari*, que significa intervir, colocar-se entre duas partes, que no caso do teatro é o que existe entre a produção e a recepção (Deldime 1998). O terceiro espaço, que acontece em intermédio da criação e do espectador, é o lugar onde eles se

encontram, onde há a possibilidade de uma relação. O espetáculo se apresenta para discentes/espectadores como um espaço desconhecido, mas com a possibilidade de se aproximar das suas subjetividades, além de permitir o êxito do entendimento do espetáculo.

Sendo assim, a mediação se coloca no ato de investigar e propõe um jogo de criação que se assemelha ao processo criativo dentro de uma peça teatral e ele traz dispositivos que podem ser explorados para que o terceiro espaço seja criado por estudantes em conjunto com a docente, já que se encontram nessa jornada. Desse modo, é a partir do jogo apresentado, que o processo de recepção estética se inicia, o jogo faz parte do processo de mediação. Ney Wendell (2010) disserta sobre a relação criada com o jogo e a produção estética para a formação de um espectador consciente:

Localiza-se na vivência deste público e no ato de ser convidado para jogar, a mediação como diálogo e relação, tendo-se o espaço necessário para a produção estética, pois, o jogo vive desta prática, de um espaço mais dinâmico que extrapola o apreciar apenas (Wendell, p.6).

O jogo realiza uma aproximação de forma lúdica nas entrelinhas da obra, possibilitando a construção da relação obra e espectadores, desenvolvendo o espaço de uma observação ativa que possibilita às pessoas fazerem relações e desenvolverem caminhos próprios de entendimento ao entrar em contato com a obra posteriormente. Desta forma, os discentes estarão preparados para fruir conscientemente da narrativa, já que ela foi apresentada por meio das atividades de mediação. Desse modo, o jogo trouxe um estado de presença que foi essencial para o desenvolvimento das atividades, visto que foi possível perceber, dentro das propostas, que estudantes sentiam mais disposição para realizar as atividades. Essa mudança no ânimo participativo não foi unânime, porém, mesmo os alunos mais tímidos se mostravam mais interessados(as) do que antes na experiência vivida no programa Residência Pedagógica.

Na imagem abaixo, destaco uma das atividades realizadas no período de estágio que integrou o percurso de mediação teatral do espetáculo “Contos de Carochinha - Tião da Tina”, que será apresentado na continuidade do texto.

Figura 1: Atividade de teatro imagem, durante o período de Estágio em 2024



Fonte: Acervo Pessoal

A imagem retrata estudantes do Sétimo Ano Manacá participando de uma atividade proposta durante o período de estágio. A partir do conceito de Teatro Imagem, uma técnica do Teatro do Oprimido, criado por Augusto Boal que utiliza o corpo como forma de expressão para construir imagens estáticas que representam situações sociais, sentimentos ou conflitos, sem o uso da fala. A proposta buscou estimular os estudantes a construção de espaços por meio da linguagem não verbal e com os próprios corpos, criaram diferentes lugares que compõem uma cidade, utilizando exclusivamente seus corpos. A atividade se deu da seguinte forma: na parte externa da escola, um por vez se dirigia até o espaço de apresentação e fazia uma forma corporal que se relaciona a algum objeto ou personagem que pertence ao lugar escolhido previamente pela turma em conjunto, antes de começar a atividade. Na figura, o local representado pelos alunos foi o cemitério. A proposta teve como objetivo aproximá-los do espetáculo “Contos de Carochinha – Tião da Tina”, do Grupo Mambembe Teatro de Rua — projeto de extensão da UFOP — que realiza espetáculos de rua a partir de textos literários, fundado em 2003. A partir desse jogo, começamos a discutir de que forma poderíamos construir uma cidade usando nossos próprios corpos. Essa reflexão nos levou a relacionar a atividade com o espetáculo, pois, na peça do Mambembe, a cidade de Carochinha é formada pelos corpos dos personagens presentes — uma característica fundamental da narrativa, seus moradores, itinerantes, caminham pelas ruas cantando suas canções e contando suas histórias.

Nesse sentido, a escolha desse espetáculo como eixo temático do processo desenvolvido no Estágio Supervisionado III: Regência na Escola Municipal Haydée Antunes, trilhou caminhos para enfrentar o desinteresse e a distância percebidos entre os estudantes da Escola Municipal Haydée Antunes e o fazer teatral. Desse modo, os estudantes foram inseridos no contexto da encenação fazendo com o que se apropriarem da narrativa foi possível discutir questões como pertencimento, cidade e relações amorosas, temas que convergem com assuntos

abordados em sala de aula, e, quando discutidos de forma estética-pedagógica, criam um espaço de partilha. Esse ambiente colaborativo potencializou as relações entre os alunos(as) com a obra apresentada, permitindo uma vivência mais profunda e significativa do conteúdo.

Assim, a mediação do espetáculo “*Contos de Carochinha – Tião da Tina*” se articula por meio de abordagens pedagógicas que incentivam a criação de público e a democratização do acesso ao teatro, além o fortalecimento do vínculo afetivo entre adolescentes com a arte teatral ao proporcionar o entendimento e a fruição autônoma da obra. Para isso, foi realizado um percurso de atividades pré-espetáculo (como exemplificado acima), além de apresentação das músicas, personagens e debates sobre os temas da peça, que tinham como objetivo preparar os discentes para o momento de apresentação. Essa preparação oferece aos estudantes dispositivos para se sentirem integrados a obra analisada, assim como diz Desgranges (2003) “A especialização do espectador se efetiva na aquisição de conhecimentos de teatro, o prazer que ele experimenta em uma encenação intensifica-se com a apreensão da linguagem teatral.” (p.33)

Por isso, a experiência de uma obra teatral, estabelece um diálogo profundo com as vivências, pensamentos e sentimentos dos espectadores, gerando novas percepções a partir do que foi vivenciado em cena. Esse movimento de retorno para si, possibilitado pela fruição e entendimento do espetáculo, intensifica a relação entre a obra e o público, fazendo com que os participantes se sintam pertencentes ao mesmo espaço. Dessa forma, o Grupo Mambembe Teatro de Rua estabeleceu uma troca artístico-pedagógica com a Escola Municipal Haydée Antunes, por meio de atividades de mediação realizadas ao longo do meu Estágio Supervisionado III Regência, culminando em uma apresentação final inserida na programação oficial do Festival de Inverno Transborda UFOP 2024<sup>6</sup> feita dentro da própria escola para os estudantes, professores e funcionários.

### **Mambembe: um voo panorâmico sobre a sua trajetória e seu modo de organização**

O Mambembe Teatro de Rua é um coletivo criado na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), estabelecido como projeto de extensão. O projeto existe desde 2003, quando a professora Neide Bortolini propôs a criação do projeto Mambembe: música e teatro itinerante, com a criação de espetáculos de rua a partir de textos literários numa mistura que abarcasse o estudo da cena de rua e sua criação, música e produção de espetáculos. Um dos seus principais objetivos era criar a interação entre essas linguagens, voltando para comunidades periféricas da cidade de Ouro Preto.

---

<sup>6</sup>Matéria sobre a apresentação de “Contos de Carochinha - Tião da Tina” do Grupo Mambembe Teatro de Rua no Festival de Inverno Transborda UFOP 24.  
<https://fiu.ufop.br/transborda/mambembe-apresentacao-tiao-da-tina-na-escola-municipal-haydee-antunes>

Em seu início o projeto foi apresentado e elaborado ao programa de patrocínio da ALCAN e à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX) e foi aprovado no mesmo ano, com duas vagas para bolsistas. O grupo tem como referências autores como Guimarães Rosa, Italo Calvino, José Saramago, William Shakespeare, entre outros. A partir do estudo de diversos textos da literatura, diversos integrantes, entre discentes, docentes e artistas colaboradores traz as suas pluralidades para a cena, trabalhando essas diversas referências no espaço da rua. Em 2009 e 2010, foram lançados os livros “Recriações: A Trajetória do Mambembe - Música e Teatro Itinerante” (2009) e “Cadernos cênico-musicais do Mambembe” (2010) que foram base de estudo para essa pesquisa.

Em vinte e dois anos de trajetória, com a colaboração entre estudantes, ex-estudantes, professores/as, artistas locais e comunidade, o Mambembe vem experimentando diversas metodologias de trabalho coletivo e autoral para o teatro de rua, criando suas próprias dramaturgias, visualidades e composições musicais. Por ter seu caráter coletivo, a subjetividade e a individualidade de integrantes é uma base importante, já que é necessário se abrir para contribuir na criação do projeto, além de valorizar a bagagem deixada pelas pessoas que já integraram o projeto. Assim como diz a fundadora no livro *Recriações: A trajetória do Mambembe - Música e Teatro Itinerante* (2009):

Impossível dizer tudo sobre um grupo com tantos protagonistas, criadores do Teatro de Rua, os que o iniciaram, os que passaram subitamente, e aqueles que fizeram da passagem um pouso mais demorado, instigante de outros voos! Os passageiros do presente... Todos mambembes, itinerantes, estudantes de música ou teatro, de passagem pela universidade, pelas ruas, em tantas horas de estudos, ensaios, reuniões, encontros e desencontros, ocasiões aflitas ou iluminadas pela magia da realidade cênica (Bortolini, 2009, p. 01).

O Mambembe é um espaço de encontro entre pessoas movidas pelo desejo de fazer teatro e dar voz às histórias, em um processo contínuo de estudo compartilhado e aprendizagens diversas. O projeto ocupa, para seus ensaios, a Sala de Artes no Centro de Convenções da UFOP, e conta com um acervo construído ao longo do tempo — figurinos, adereços, instrumentos e elementos de cena — reunidos por meio do apoio da Pró-Reitoria de Extensão e dos frutos das apresentações realizadas e de todos os discentes e coordenadores docentes que foram sucessivamente participando de editais da PROEX para conseguir esses recursos ao longo desses anos: Neide Bortolini, Paulo Maciel, Paulo Maffei, Marcos Maturro e Raquel Castro de Souza.

Atualmente, o Mambembe tem mais de 10 integrantes<sup>7</sup>, estudantes e ex-alunos da Universidade Federal de Ouro Preto, tendo eu, Ana Beatriz Ribeiro, como bolsista do projeto e a

---

<sup>7</sup>Atuais participantes do Mambembe: Ana Luísa, Brian Barzague, Cauê Oliveira, Fábio Vasques, Filipe Conde Mascaro, Gisele Castro, Iasmin Ramalho, Julia Senra, Maria Luisa Amaral, Marina João Cangussu e Pablo Garuffi

Professora Doutora Raquel Castro de Souza<sup>8</sup> como coordenadora do projeto desde 2022. Trabalhamos com a criação de dramaturgias e músicas autorais, ainda pensando no teatro na rua e na troca com a comunidade, priorizando a apresentação em bairros periféricos e em distritos de Ouro Preto, possibilitando o acesso amplo ao teatro e a sua democratização.

O teatro de rua reflete sobre a cidade enquanto palco e espaço de ocupação para a arte e configura-se como uma prática estética e política que problematiza a cidade enquanto espaço de representação simbólica. Ao intervir no cotidiano urbano, instaura, de forma efêmera, novas possibilidades de ocupação e reorganização do espaço, revelando outras formas de existência e convivência, transformando a cidade e ampliando o acesso ao teatro. Assim afirma André Carreira (2009)

A cidade imaginada, que também pode ser considerada como uma cidade narrada, tem uma força e presença fundamentais na estruturação do funcionamento cotidiano das ruas, dos lugares públicos onde essa cidade se materializa. As formas teatrais de rua, bem como outras manifestações parateatrais, igualmente fornecem elementos que contribuem com a formulação de cidades imaginárias. Neste sentido, um teatro de ocupação se formula necessariamente como uma proposta que repensa esse imaginário que constitui a cidade como espaço desejado, sonhado, isto é, como um espaço a ser deformado pela ação da ficção (Carreira, 2009, p.12).

Tal olhar acerca da cidade imaginária, traz para a rua o conceito de uma comunidade temporária, que se cria ao entrar em contato com a apresentação e se dá com a experiência espetacular que acontece no espaço público. A noção de comunidade temporária refere-se à criação de laços passageiros que possibilitam o compartilhamento de uma vivência construída na interação com o espetáculo. É habitando a cidade que o teatro traz para o cotidiano a possibilidade de um olhar atento e curioso, trazendo com sua ocupação a possibilidade da criação de memórias e de formas alternativas de organizar o espaço público que rompem com os repertórios já pré-determinados do uso desse lugar. Sendo assim, as peças teatrais realizadas na rua têm a capacidade de desenvolver diálogos amplos que tensionam os espaços e desorganizam suas formas de utilização ao compartilhar de uma experiência cênica.

Foi a partir da pesquisa da ideia de cidade - já que ela é nosso espaço cênico - e como ela nos influencia enquanto artistas de rua, valorizando a troca com os transeuntes, a criação de vínculos espontâneos e memórias que podem ser criadas com o contato com o espetáculo no espaço público, o projeto Contos de Carochinha - Tião da Tina surgiu em 2023, quando o grupo criou uma trilogia que teve como sua primeira fonte de estudo o livro “Cidades Invisíveis” de

---

<sup>8</sup>Atriz e diretora de teatro. Professora do Departamento de Artes Cênicas (DEART) e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Atualmente, é coordenadora do curso de bacharelado (DEART) e membra do colegiado do PPGAC. Pesquisadora no eixo Performatividade e Política do grupo de pesquisa CRIA - Artes e Transdisciplinaridade CNPQ/ Escola de Belas Artes-UFMG. Link do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5717381473209922>

Italo Calvino<sup>9</sup>. Com o seu desenvolvimento dramaturgicamente, o grupo pôde participar do projeto OfiCena 3x4<sup>10</sup> da Maldita Cia. de Investigação Teatral<sup>11</sup>, em parceria com Marina Viana<sup>12</sup>, tal projeto funcionava como uma espécie de incubadora de projetos. Nele, os participantes recebiam orientações e provocações que incentivaram reflexões sobre o potencial e a força do caráter colaborativo nos processos de criação artística desenvolvidos.

Nesse processo, os integrantes do Mambembe fizeram uma cena chamada “O Povo de Carochinha e seus Contos”, na qual apresentaram a cidade itinerante e o porquê dela não se fixar em lugar algum. Posteriormente à apresentação da cena, houve um momento de debate e apontamentos que foram importantes para o desenvolvimento de Contos de Carochinha. Foi na investigação, estudo e troca com a Maldita Companhia que o grupo começou o processo de criação do espetáculo *Tião da Tina*, um dos Contos de Carochinha, escrito por Marina João Cangussu<sup>13</sup> e dirigido por Brian Barzague Lobato<sup>14</sup>.

---

<sup>9</sup>Publicada em 1972, o livro é uma coleção poética de descrições de cidades imaginárias, narradas pelo viajante Marco Polo ao imperador Kublai Khan. Através de diálogos filosóficos e alegorias sutis, Calvino constrói um universo onde cada cidade é um reflexo dos desejos, memórias e sonhos humanos. As cidades apresentadas no livro não são apenas lugares físicos, mas metáforas da condição humana.

<sup>10</sup>O projeto OfiCena 3x4 foi o projeto de retomada do projeto Cena 3x4 após o retorno das atividades presenciais no pós-pandemia de coronavírus. De acordo com o site da Maldita Cia, o Cena 3x4 “[...] é uma rede de formação, criação e compartilhamento entre coletivos das artes da cena. Criado em 2002, através de parceria entre Maldita Cia. de Investigação Teatral e o Galpão Cine Horto, resultante do desejo em comum de experimentar princípios do processo de criação colaborativa e estabelecer uma rede de qualificação e fomento da linguagem de teatro de grupo em Belo Horizonte”. Disponível em: <https://www.malditacia.com/cena3x4>

<sup>11</sup>Desde 2002 a Maldita Cia investiga ocupação de espaços, mascaramentos através de objetos e a criação de dramaturgias autorais e colaborativas. Pesquisamos uma linguagem que transita entre os gêneros épico e o dramático, construindo narrativas a partir dos pontos de intersecção e conflito entre as duas tendências.

<sup>12</sup>Marina Viana é multiartista. Dramaturga, atriz e diretora teatral, graduada em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 2005. É integrante dos grupos Mayombe Grupo de Teatro, Teatro 171 e Cia. Primeira Campanha, além de colaborar com outros coletivos.

<sup>13</sup>Marina João é arte-educadora, dramaturga, diretora e atuante. Realiza o curso de licenciatura em Artes Cênicas na UFOP e atualmente trabalha como diretora, dramaturga e atriz do Grupo Mambembe Teatro de Rua, atua na Breve Cia. Mentirosa, além de exercer trabalhos enquanto performer, dançarina, palhaça e pernalta. Link do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5419862397990468>

<sup>14</sup>Brian Lobato é formado como ator pelo Curso Intensivo de Formação de Atores ministrado pelo grupo de teatro campineiro Os Geraldos. Atualmente é mestrando do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto, onde realiza pesquisa sobre processos criativos contemporâneos. Em Ouro Preto atua como ator, diretor e dramaturgo nos grupos Mambembe Teatro de Rua e na Breve Cia Mentirosa, da qual é fundador. Link do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2681366791532179>

Figura 2: Mostra do Mambembe no OfiCena 3x4 em 2023



Fonte: Arquivo Pessoal

Foi assim, no espaço aberto da Funarte, num dia nublado que o Grupo Mambembe apresentou o esboço inicial do que viria a se constituir como o espetáculo *Contos de Carochinha – Tião da Tina*. Essa primeira exibição, direcionada à Maldita Companhia e aos demais coletivos participantes da OfiCena 3x4, marcou o início da consolidação da formação do coro. Como descrito anteriormente, os corpos em cena revelavam-se conectados, compondo uma unidade: um povo que, em conjunto, delineia a arquitetura da cidade itinerante.

O estudo de uma cidade se firmou na leitura das descrições dos diversos lugares que Marco Polo, personagem de *Cidades Invisíveis*, narrava ao imperador Kublai Khan — um líder que possuía todas as terras, mas pouco sabia sobre elas. Foi a partir da imersão nesses contos de cidades que Marco Polo descrevia ao Imperador, que começamos a explorar a descrição de cidades que existiam dentro de nós. Como investigadores, à semelhança de Marco Polo, voltamos nosso olhar para nossas individualidades e, juntos, criamos os habitantes de Carochinha: uma cidade itinerante, lar daqueles que ‘não couberam’ em nenhum outro lugar. Nesse espaço, formado por corpos em trânsito, nasce um pertencimento paradoxal — o pertencimento por não pertencer. Seus moradores sentem a necessidade de contar histórias e cantar canções, espalhando a música e o teatro pelas ruas, como forma de existência e expressão. Dessa forma, se inspirando na leitura de *Cidades Invisíveis* e na forma que Italo Calvino escreve pequenos trechos sobre as cidades que o aventureiro Marco Polo passou, decidimos criar três contos sobre Carochinha, que fazem parte da Trilogia “*Contos de Carochinha*”.

Na medida em que fomos criando uma relação com o mundo imaginado, o acolhimento se tornou parte do nosso cotidiano de ensaio, os corpos lá presentes eram abertos para vivenciar as intimidades, dar vida própria à criação e investigar as entranhas de si. Entendemos dentro da sala de ensaio que nós éramos aquela cidade que se juntou para pertencer a um lugar, e

concebemos isso como ato político. No meu processo dentro do Mambembe, pude perceber o teatro como uma potência para criar relações, já que é nesse espaço que a individualidade é interessante para o processo, ainda mais num grupo de criação coletiva, como é o Mambembe.

Ao longo da pesquisa das as nossas subjetividades e do encontro com as demais pessoas, a partir de experimentações na sala de ensaio e nos estudos propiciados por dispositivos criados pela direção do espetáculo, foi possível explorar a complexidade das pessoas envolvidas, já que nos abrimos para a investigação considerando nosso olhar para o mundo e como ele pode ser explorado dentro do processo criativo. Ana Pais (2004) reflete:

O confronto dos vários pontos de vista individuais, daquilo que cada um tem a dizer, não passa exclusivamente pela partilha de opiniões ou pela participação das decisões do espetáculo, passa, sobretudo, por uma metodologia diferente na expressão da subjetividade (Pais, 2004, p. 48).

A partir da citação acima, pode-se dizer que a partilha na sala de ensaio e em espaços abertos permite a produção de sentido entre a concepção artística e a sua criação, levando em conta os corpos presentes, suas histórias e sentimentos e como cada indivíduo se relaciona com a obra. Ademais, isso permite trazer para o espaço teatral a descentralização da relação poder do diretor, trazendo-o como um propositor, possibilitando o jogo entre atuantes, a fim de descobrir as prioridades do grupo, suas relações com o mundo e com os outros integrantes.

Foi isso que quis criar dentro da sala de aula também com os adolescentes das turmas do Sétimo Ano Manacá e Sétimo Ano Quaresmeira do EMPHA — não um grupo de teatro, mas corpos presentes, criadores, investigadores e curiosos. Meu desejo foi criar um espaço em que estudantes pudessem olhar para si mesmos e se permitissem entrar em contato com suas vivências e subjetividades, de forma semelhante ao que aconteceu no projeto. Porém, quando ministrei as aulas de artes na Escola Municipal Haydée Antunes, percebi a distância que existia entre o teatro e discentes daquela escola. Havia muitas dificuldades em aceitar as propostas durante as aulas, já que não tinham intimidade com o teatro. Assim, é importante ressaltar que gostar de teatro é algo que se aprende e há uma resistência a gostar de algo sem conhecê-lo, como diz Desgranges em seu livro *A Pedagogia do Espectador* (2015):

O apreço está diretamente ligado ao grau de intimidade e, apenas entrando em contato com o teatro, seus meandros, técnicas e história, o espectador pode reconhecer nele importante espaço de debate das nossas questões e, principalmente, perceber o quão prazerosa e gratificante pode ser essa relação (Desgranges, 2015, p. 33).

Desse modo, é na aquisição de conhecimentos que os espectadores se permitem entrar em contato com o que é apresentado, uma vez que já foi criado um caminho anterior à experiência estética. O prazer de assistir teatro vem do domínio da linguagem, que possibilita o entendimento e a reflexão acerca da obra, portanto o interesse pela arte teatral solicita

aprendizado e é uma conquista a ser trabalhada para aproximar o teatro de espectadores, proporcionando um diálogo efetivo.

Dentro do processo no ambiente escolar, a criação dessa intimidade se deu na aproximação da cidade de Carochinha com esses adolescentes, criando essa relação a partir de atividades de mediação - cujo conceito e a metodologia utilizados serão apresentados - que levou os discentes a entenderem o que é essa cidade itinerante, quem são seus moradores, o que é ser um morador de Carochinha e, além disso, criarem suas próprias visões sobre essa narrativa e seus personagens. Ao trabalhar com o processo de reconhecimento das suas opiniões e criações, os discentes se sentem pertencentes ao espaço teatral, já que há o convite para jogar junto com as propostas trazidas, criando assim um espaço que ultrapassa a contemplação - estado que os discentes permanecem durante boa parte das aulas.

Desse modo, a mediação cria o diálogo entre o teatro e os estudantes de uma forma lúdica, trazendo um estímulo ao colocarem como jogadores pertencentes àquele espaço imagético, permitindo que estejam presentes na experiência. Nesse movimento de ida e volta que se proporciona, o encontro de si com a experiência e o que ela produz de efeito no ser afetado. É nesses movimentos que o processo de mediação se instaura para criar a relação obra e público intervindo pela experiência estético-pedagógica.

### **Entre a cena teatral e a sala de aula: o terceiro espaço**

Desde a década de 1970, discute-se a crise do teatro, especialmente em relação à diminuição do público nas salas de espetáculo. Nesse contexto, Rosenfeld (1993) atribui a escassez de espectadores à concorrência com a televisão e o cinema. Já no final dos anos 1990, Desgranges (2015) aponta, em sua obra, que uma das principais causas para a queda de público está no aumento do preço dos ingressos, resultado dos altos custos das produções teatrais. Com essas mudanças o teatro, passou a investigar as suas configurações internas traçando caminhos com outras linguagens, a fim de construir um diálogo condizente com as novas transformações, tanto sociais quanto tecnológicas e econômicas. A partir do distanciamento crescente entre o teatro e o público, torna-se urgente questionar o espaço que a arte teatral ocupa na sociedade contemporânea. Essa realidade estimula reflexões sobre formas de democratizar o acesso ao teatro, buscando atingir públicos de diferentes origens, faixas etárias e contextos sociais. Afinal, como o teatro não se realiza sem o espectador, pensar estratégias para aproximá-lo da cena teatral é cada vez mais necessário — não apenas como alguém que contribui financeiramente, mas como “um outro imprescindível em um diálogo” (Desgranges, 2015). Para que haja essa

aproximação, é preciso proporcionar o acesso do público ao teatro, tanto fisicamente - com a apresentação em diversos lugares, principalmente aqueles que estão longe dos centros culturais - quanto linguístico, que diz sobre a constituição de um trajeto relacional que é criado com o espectador e a cena teatral, da conquista ao seu entendimento crítico, criativo e autônomo.

Autonomia não apenas na concepção desta relação, na definição de um percurso próprio de aproximação com os elementos artísticos colocados em jogo e com os variados aspectos sensíveis e reflexivos suscitados pela cena, mas também na constituição de critérios de interpretação. A organização deste potencial de sentidos que surge na experiência artística, a elaboração de significações que constituem o ato pessoal e intransferível do espectador, como sabemos, não se limitam a um talento natural, mas precisam ser antes de tudo compreendidos como conquistas culturais (Desgranges, 2008, p. 77).

Sendo assim, para que essa autonomia seja alcançada, é necessário que a linguagem artística teatral esteja dentro do cotidiano da escola. Porém, estamos em uma época de massificação das informações, onde o diálogo, a observação, a produção de um pensamento crítico, estão sendo substituídos por conteúdos rápidos e sem profundidade, onde a imagem é banalizada. É nesse lugar que o teatro entra como uma possibilidade de proporcionar às pessoas a experiência estética a partir da ludicidade, vindo ao encontro do êxtase de compreender e formular análises críticas e sensíveis sobre a obra apresentada por meio da relação estabelecida e criada pela mediação, podendo se desenvolver um interesse pela arte teatral e ampliar a capacidade de leitura consciente das imagens.

A leitura das imagens fixas e móveis da publicidade e da Arte na escola nos ajuda a exercitar a consciência daquilo que aprendemos por meio da imagem. Por outro lado, na escola, a leitura da obra de Arte prepara o grande público para a recepção da Arte e nesse sentido a Arte-Educação é também mediação entre Arte e o Público. Testemunhamos hoje uma forte tendência de associar o Ensino da Arte com a Cultura Visual<sup>15</sup>(Barbosa, 2016, p.16).

Ana Mae Barbosa (2016), em seu livro “Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte”, cita a mediação como um processo de ampliação da leitura da imagem. Quando desenvolvida de forma a criar relações entre a obra e o espectador, essa mediação estabelece um espaço de análise crítica que estimula tanto a produção estética quanto o interesse dos estudantes pela Arte. Nesse contexto, ao constatar o desinteresse dos estudantes e o conseqüente afastamento do teatro do ambiente escolar, evidenciou-se a necessidade de recorrer à mediação como estratégia pedagógica, visando à integração dessa linguagem artística no espaço da sala de aula. Entretanto, assim como outras relações, a conexão com o teatro também é algo que deve ser construído e isso se dá na aproximação das suas características, suas técnicas, seu modo de

---

<sup>15</sup> Cultura visual refere-se ao conjunto de práticas, símbolos, imagens e modos de ver que moldam a forma como os indivíduos percebem, interpretam e constroem sentido a partir do mundo visual ao seu redor. Ela envolve não apenas a produção e circulação de imagens, mas também os contextos sociais, históricos e culturais em que essas imagens são inseridas.

fazer, e é na construção desse vínculo que é possível se conectar com o espetáculo para que seja possível essa troca autônoma de construção de sentidos.

Desse modo, o começo do projeto se deu ao apresentar Carochinha aos estudantes do Sétimo Ano Manacá e Sétimo Ano Quaresmeira e, à medida que exploramos seus aspectos, seu povo e seus costumes, esse “universo” se tornava cada vez mais familiar, despertando o interesse dos discentes e convidando a mergulhar nessa história. Foi utilizando dessa narrativa que pude adentrar em alguns temas teatrais e artísticos, como a concepção de coro - utilizada no espetáculo -, ritmo e análise musical, utilizando o jogo como pedagogia teatral para aproximar os discentes dessa prática.

O espetáculo Contos de Carochinha - Tião da Tina conta uma das histórias que fazem parte dessa cidade itinerante chamada Carochinha. Essa cidade está em busca de um prefeito para tomar conta dos moradores caróchicos, esses, em assembleia, decidem que Tião da Tina, morador antigo da cidade itinerante, seria o prefeito que eles precisavam. Tião, é um homem com a “cabeça nas nuvens, pés bem fincados no chão e olhos cheios d’água” (Cangussu, 2023)<sup>16</sup> que se apaixona por Tonha na sua juventude de Sebastião, porém a moça o deixa e ele encontra a Tina, sua companheira que trouxe a sabedoria necessária para o transformar.

Ao entrar em contato com a história do espetáculo, há a familiarização com os códigos teatrais permitindo ao espectador não apenas compreender a linguagem cênica, mas também construir pontes entre a obra e sua própria experiência de mundo. Em uma das atividades propostas, promovemos um debate sobre o significado de ser prefeito, estabelecendo um diálogo simbólico com o personagem Prefeito do Exterior,<sup>17</sup> e no decorrer dessa discussão tivemos respostas interessantes sobre a visão deles sobre o lugar que eles moram, Cachoeira do Campo, um distrito de Ouro Preto. Foi nessa dinâmica, que os discentes falaram sobre suas insatisfações com a cidade e o que deveria mudar segundo a vivência deles e de seus familiares. Flávio Desgranges no seu livro *A Pedagogia do Espectador* (2015), analisa o potencial da mediação a fim de alimentar o pensamento crítico do espectador.

Um dos eixos da formação que se pode oferecer à criança espectadora consiste em fornecer os instrumentos conceituais necessários ao despertar de seu espírito crítico. [...] Trata-se de iniciar o público infantil na linguagem específica da criação teatral, a fim de fomentar por meio do espetáculo, sua reflexão. (Desgranges, 2015, p. 3 - 4).

Então, para que os estudantes desenvolvam um olhar mais crítico, é fundamental estabelecer uma conexão entre as vivências deles e o fazer teatral. E essa conexão se constrói

---

<sup>16</sup> Dramaturgia feita por Marina João Cangussu, integrante do grupo Mambembe Teatro de Rua de 2022 à 2025.

<sup>17</sup> Personagem de Contos de Carochinha - Tião da Tina que tenta ser prefeito da cidade itinerante. É nomeado como Prefeito do Exterior, pois suas palavras não são entendidas por Carochinha e precisa de um tradutor para que aconteça a apresentação dessa figura. Esse personagem é uma sátira às figuras de poder, que ao tentar endireitar Carochinha, acabou sendo engolido pelos moradores.

por meio do acesso linguístico, que permite a criação de um caminho relacional entre a obra e o espectador. Foi através desses mecanismos que pude observar resultados positivos na compreensão e reflexões de estudantes sobre o espetáculo.

Ficamos imersos nos estudos sobre a peça teatral de agosto a outubro de 2024, quando Carochinha esteve presente em todas as aulas e, conforme os assuntos iam sendo abordados, mais devolutivas eu recebia. Isso me mostrou que a mediação é um processo que vai sendo criado conforme o tempo vai passando. Assim, como diz Vergara (2007), “[...] quando falamos em mediação, temos que ver que estamos cruzando margens do rio; estamos irrigando. Esta irrigação é complicadíssima (p. 69. Sic.).

Durante esse percurso, realizamos diversas atividades que aconteceram antes da apresentação do espetáculo, e a partir delas exploramos a interdisciplinaridade da arte. Utilizamos do desenho para conhecer as características das personagens, da música para apresentar as canções do espetáculo e por meio delas analisar como Carochinha se expressa. Também realizamos de uma forma teatral um debate político sobre as discussões apresentadas no espetáculo acerca da figura de um prefeito, trazendo as opiniões dos discentes a partir da pergunta disparadora: “O que um prefeito deve fazer?”. Utilizando desses dispositivos, adolescentes-espectadores aproveitam o jogo para relacionar a obra com seu mundo pessoal, trazendo conexões com o que lhe foi apresentado e sendo incentivado a participar da dinâmica proposta.

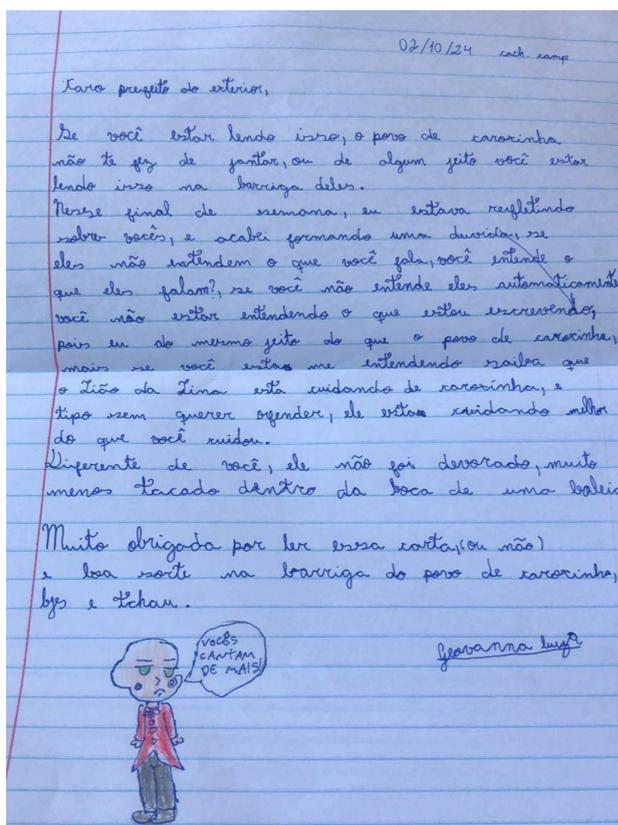
Desse modo, ao final do processo obtive resultados positivos de identificação, que se mostraram presentes principalmente nas atividades pós-espetáculo, quando ouvi dos participantes da plateia suas opiniões e sentimentos. Como atividade final, sintetizando esses resultados por meio das cartas escritas na semana seguinte ao espetáculo, discentes falaram mais sobre o que eles acharam da apresentação. Nas mensagens, elogiaram as canções e as danças, falaram sobre as atuações, figurino, maquiagens e também como se sentiram grato(a)s por terem assistido ao nosso espetáculo. Recebi ao todo vinte e nove (29) cartas, considerando as duas turmas, Sétimos Manacá e Quaresmeiras. Alguns alunos falaram de forma simples sobre o que acharam, mas muitos escreveram dedicatórias e comentários nos quais foi possível perceber a criação de uma relação entre o espetáculo e os espectadores. Nesse espaço, fui capaz de instigar os alunos sobre suas percepções e pensamentos, trabalhando a análise autônoma e uma leitura própria da obra, transformando a presença do acontecimento em pertencimento e experiência.

Assim, a mediação propõe, de maneira artística, a análise de um espetáculo, provocando uma nova forma de aprender, mais envolvente e participativa, ao valorizar a presença de outras pessoas, suas opiniões e criações. Desse modo, reflito que “a resposta a uma cena, no âmbito

pedagógico, não precisa limitar-se ao raciocínio analítico a respeito dela, cabe ao mediador criar condições para que esta análise possa se efetivar enquanto produção criativa” (Desgranges, 2022). Posto isso, entende-se a mediação como um processo estético-pedagógico ao proporcionar entre estudantes um contato com a experiência estética que se relaciona com a aprendizagem, e que por meio dela é possível desencadear uma aproximação, com o teatro. Assim, ao entrar previamente em contato com os signos que constituem a obra, o receptor é capaz de compreender autonomamente um sentido, construindo seu próprio significado. Conforme comenta Bakhtin (1992), o espectador ocupa um lugar único na existência, e seu olhar é intransferível e singular.

Dessa forma, a mediação possibilita estudantes trabalharem a interpretação pessoal da obra, trazendo sua subjetividade e permitindo-lhes criar reflexões e questionamentos. A compreensão, nesse contexto, é entendida como um processo ativo e criativo, assim como exemplificado abaixo em uma das atividades realizadas com os discentes que participaram do processo de mediação.

Figura 3: Registro da atividade de carta para os personagens - mediação pós espetáculo (2024)



Fonte: Arquivo pessoal

A atividade de “Carta para os personagens” aconteceu após a apresentação realizada pelo Grupo Mambembe Teatro de Rua para discentes da Escola Municipal Haydêe Antunes, dentro da programação do Festival de Inverno Transborda UFOP 2024. Nessa imagem é

possível perceber a relação criada entre a obra e a espectadora, por seu questionamento e reflexão. A aluna, ao passar pelo processo de entendimento da obra (mediação pré-espetáculo), criou um trajeto relacional que a fez se entender como moradora da cidade itinerante, já que ela sabia o que era esse lugar, quem o forma e suas características.

Nesse sentido, a maneira como ela se comunicou por meio da carta revela uma dinâmica marcada pela criatividade, favorecida pela mediação, que propõe uma interação criativa e instigante. Essa iniciativa desperta em estudantes o desejo de se envolver com as propostas pedagógicas das aulas de Artes, tornando a aprendizagem mais divertida e profunda e ao mesmo tempo provocando reflexões e questionamentos. Estratégias como essa introduzem uma abordagem educativa distinta daquela à qual estudantes estão habituados e, embora possa haver certa resistência diante do inusitado, o processo mediador, ao explorar elementos ligados ao imaginário e ao prazer de descobrir, desperta o interesse de forma gradual e significativa.

Assim, corroborando essa percepção, um acontecimento marcante que evidenciou o desenvolvimento do interesse de estudantes em se envolver com o processo foi a participação espontânea de três alunos no cortejo inicial do espetáculo. Durante a aula em que apresentei a música “Fiz do pé caminhada<sup>18</sup>”, propus que, quem tivesse vontade, poderia integrar esse primeiro momento conosco. Na semana seguinte, ao caminhar pelos corredores, ouvi sons que me remeteram àquela canção. Ao entrar na sala, fui recebida por três adolescentes, dois meninos e uma menina, que vieram, com entusiasmo, expressar o desejo de participar, dizendo: *“Professora, essa música ficou na minha cabeça a semana inteira!”* Esse gesto sinalizou não apenas o engajamento, mas também o surgimento de um sentimento de pertencimento ao projeto, demonstrando como ações sensíveis e abertas à escuta podem mobilizar afetos e fortalecer vínculos no ambiente escolar. A seguir, compartilho alguns registros da apresentação da peça “Contos de Carochinha - Tião da Tina” do Grupo Mambembe Teatro de Rua para os estudantes e funcionários da Escola Municipal Haydèe Antunes em Cachoeira do Campo, Ouro Preto - MG. Inicialmente a ideia era apresentar somente para as turmas que receberam a mediação (Sétimos Quaresmeira e Manacá), porém quando chegamos na escola para apresentar, vários alunos de outras turmas ficaram curiosos para assistir e isso correu nos corredores da escola. Para nos prepararmos, a EMPHA cedeu uma sala e o banheiro da sala das professoras para colocarmos nossos figurinos e fazer nossa maquiagem e esse contato dentro do espaço dos docentes, também foi importante para criar o interesse de levar os alunos para assistir o Grupo Mambembe.

---

<sup>18</sup> Música inicial do espetáculo “Contos de Carochinha - Tião da Tina” escrita por Gabriel Baez.

Figura 4: Registro da apresentação - quadra da EMPHA



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 5: Registro da apresentação - quadra da EMPHA



Fonte: Thuany Amorim

Os olhares atentos e a abertura discente, principalmente aqueles em que a mediação foi realizada, trouxeram para essa apresentação experiências especiais, tanto para mim como professora e atuante, quanto para meus/minhas companheiros(as) de cena. Em muitos momentos durante a apresentação os esses adolescentes/espectadores se sentiram confortáveis para intervir na encenação, como em um momento específico em que Tião<sup>19</sup> pergunta para o coro de Carochinha “O que eu faço para reconquistar Tonha<sup>20</sup> de volta?”. Nesse momento, alguns estudantes responderam essa pergunta dando ideias como: “Da uma caixa de bombom pra ela!” para o personagem resolver seu problema. Esse momento, se evidencia o desenvolvimento criado durante a apresentação, demonstrando como a mediação foi importante ao estabelecer uma relação que permitiu a interação do público durante a apresentação, mesmo que não seja necessária essa participação para a continuidade da narrativa.

Por conseguinte, a tomada de consciência sobre a linguagem da narrativa despertou nos alunos dessa escola, o desejo de lançar um olhar interpretativo sobre o espetáculo, desenvolvendo um interesse genuíno pela experiência estética. Foi justamente durante a apresentação de "Contos de Carochinha - Tião da Tina" que percebi o surgimento desse interesse pela arte teatral. Dessa forma, a formação de espectadores pode ser compreendida não apenas como a criação de público para os espetáculos, mas, sobretudo, como um processo que provoca a sensibilidade e a abertura à experiência estética. Tal processo estimula a percepção dos múltiplos sentidos, permitindo, como aponta Desgranges (2010, p.64), “uma interpretação aguda dos signos utilizados nos espetáculos diários”.

## **Considerações Finais**

Entre as incertezas do início e os desafios do percurso, desenvolveu-se o processo de mediação teatral do espetáculo “Contos de Carochinha - Tião da Tina” com os discentes das turmas Sétimo Manacá e Sétimo Quaresmeiras da Escola Municipal Haydêe Antunes, localizada em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto – MG. Com o início no Programa de Residência Pedagógica e desenvolvimento no Estágio Regência, diante dos diversos obstáculos a serem superados, uma reflexão acerca do desinteresse pelas aulas de Artes, me impulsionou a iniciar esse trajeto de aproximação entre o teatro e a escola. Ao realizar a apresentação e o aprofundamento da obra com esses estudantes, foi possível desenvolver um projeto que

---

<sup>19</sup>Personagem da peça Contos de Carochinha - Tião da Tina, um dos primeiros moradores da cidade itinerante, interpretado por Ana Beatriz Ribeiro.

<sup>20</sup>Personagem da peça Contos de Carochinha - Tião da Tina, par romântico de Tião em sua juventude que o deixa, interpretado por Iasmin Ramalho.

incentivou a participação ativa do corpo discente nas propostas em sala de aula. Desse modo, essa abordagem despertou não somente o interesse pelas atividades propostas dentro de sala de aula, como também um espaço de pertencimento, no qual os discentes foram instigados a construir caminhos próprios de análise e interpretação.

Além disso, a aproximação entre o teatro e os discentes, ocorreu a democratização do acesso a essa linguagem artística, permitindo que os jovens tenham contato com o teatro de forma mais significativa. Essa democratização não se dá apenas pelo acesso físico ao espetáculo, mas também pelo acesso linguístico e simbólico, possibilitando uma compreensão mais profunda da obra. Dessa maneira, o encontro com o espetáculo teatral deixa de ser apenas uma experiência pontual e se transforma em um processo de vivência, reflexão e construção de sentido, ampliando o repertório cultural de adolescentes e fortalecendo sua autonomia crítica e criativa.

As atividades desenvolvidas pré-espetáculo prepararam discentes dos Sétimos Anos para o encontro com a peça, que, ao ser apresentada, contou com a participação ativa. Esse diálogo evidencia o conforto dos estudantes ao se expressarem por meio de algo já familiar, reforçando a relação estabelecida durante o processo de mediação. Da mesma forma, as atividades pós-espetáculo possibilitaram que se manifestassem suas opiniões, fizessem perguntas e expressassem o desejo de ver o grupo teatral retornar à escola. Desse modo, a mediação por meio dos jogos e da ludicidade da narrativa não apenas desenvolveram um terceiro espaço entre plateia e obra, mas também instigaram os estudantes a refletirem sobre suas próprias experiências e conexões com o conteúdo apresentado. Através dessa aproximação, discentes/espectadores, não se sentiram apenas como observadores passivos(as), mas como participantes da experiência teatral e se reconheceram como parte do processo, ao se verem representados nas interações e na narrativa. Dessa maneira, o processo estético-pedagógico por meio da mediação teatral não apenas facilita o contato com a obra, mas também fortalece o vínculo entre discentes e docentes com o teatro, desenvolvendo um interesse pela arte e entendendo como ela pode ser um espaço educacional de expressão e diálogo.

## **Referências**

BRASIL, A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Edital Programa de Residência Pedagógica nº6**. Brasília, 2018

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. Editora Cortez, São Paulo, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética e criação verbal**. Martins Fontes. São Paulo, 1992.

BORTOLINI, Neide. **Recriações: A trajetória do Mambembe - Música e Teatro Itinerante**. Editora UFOP. Ouro Preto. 2009

CARREIRA, André. **Teatro de rua como ocupação da cidade: criando comunidades transitórias**. Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 13, p. 11–21, setembro de 2009.

DELDIME, Roger. **Introduction. In: La médiation théâtrale**. Actes du 5e. Congrès international de Sociologie du théâtre. Morlanwelz, Lansman, p. 11-12, 1998.

DESGRANGES, Flávio. **Teatralidade tátil: alterações no ato do espectador**. Sala preta : revista do Departamento de Artes Cênicas, v. 8, p. 11-19, 2008 Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v8i0p11-19>. Acesso em: 04 ago. 2025.

DESGRANGES, Flávio. **A Pedagogia do Espectador - 3º Edição** . Editora Hucitec. São Paulo 2010

DESGRANGES, Flávio. **O que eu significo diante disso: ação artística com espectadores teatrais**. Revista Brasileira de Estudos da Presença, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 01–17, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/94955>. Acesso em: 4 ago. 2025.

PAIS, Ana. **O Discurso da Cumplicidade: dramaturgias contemporâneas**. Lisboa: Edições Colibri, 2004

PAOLIELLO, Guilherme; VALENÇA, Ernesto. **A Construção da Docência: a residência pedagógica em artes na Universidade Federal de Ouro Preto (2022-2022)**. Editora Autografia, Rio de Janeiro, 2022.

POLADIAN, Marina Lopes Pedrosa. **Estudo sobre o Programa de Residência Pedagógica da UNIFESP: uma aproximação entre a Universidade e a Escola na formação de professores**. São Paulo, 2014

VERGARA, Luiz G. Curadoria educativa. In: MARTINS, Miriam C.; et al. (Orgs.). **Mediando contatos com arte e cultura**. São Paulo: UNESP, 2007, p. 69.

WENDELL, Ney. **A Mediação Teatral como experiência estético-educativa**. Revista Fenix. Bahia. 2010